

CADEIRA N.º 26

Patrono: Manuel Soares da Silva Bezerra

Vaga: Falecimento de Andrade Furtado

Recipiendo: Jáder de Carvalho

Recipiendário: Otacílio de Azevedo

Data da posse: 21 de fevereiro de 1969

OTACÍLIO FERREIRA DE AZEVEDO. Nasceu no lugarejo Monte Alegre, do Município de Redenção, em 11 de fevereiro de 1896. Filho de Bernardino Ferreira de Azevedo e Felismina Maria da Conceição. Autodidata, vencendo a condição humilde de sua origem com as melhores vitórias da vida intelectual. Pintor e poeta de fortes inspirações, acentuadamente líricas. Publicou: *Dentro do Passado* (1916); *Alma Ansiosa* (1918, 1955); *Musa Risonha* (1920); *Réstia de Sol* (1942); *Redenção* (1944); *Desolação* (1947, 1967); *Últimos Poemas* (1958); *A Origem da Lua* (1960); *Adágios, Mezinhas e Superstições* (1966).

Jáder de Carvalho

Morei nesta Fortaleza em 1911, aos meus nove anos de idade e às portas da queda de Acióli. Mas foi somente em 1917, às minhas quinze primaveras e exatamente no mês de dezembro, que eu pude, de fato, descobri-la, numa fuga mais ou menos consentida por minha família. Meu pai havia recebido dinheiros inesperados, vindos do Acre. Vou falar mais claro: seringueiros daquela terra histórica, anexada ao Brasil pelos cearenses, deviam a meu genitor, proprietário e responsável intelectual pelo *Ateneu Quixadaense*, velhas e já amareladas anuidades de filhos que haviam estudado naquele estabelecimento, justamente no tempo em que se agravara a crise da borracha, empobrecendo, da noite para o dia, honrados e indomáveis donos de seringal, alguns deles companhei-

ros e amigos de Plácido de Castro, na guerra contra o exército da Bolívia.

A seca de 1915 — o chamado *Quinze* — fechara as portas do *Ateneu* e expulsara para Iguatu, então ponto terminal da Estrada de Ferro de Baturité, todo o punhado de heróis que teimara em ficar sob o teto do colégio: meu pai, a família e alguns alunos internos, cujos pais, nos confins da Amazônia, não dispunham de meios financeiros para o retorno dos rapazes. Na antiga Telha reiniciavam-se os trabalhos do prolongamento de nossa principal ferrovia, ainda a caminho do Cariri, no desenvolvimento e execução de um traçado a que não faltaram, na deliciosa descrição de João Brígido, acontecimentos ora dramáticos, ora pinturescos, principalmente no trecho entre Fortaleza e Baturité. Essas ocorrências na construção de uma ferrovia, cujo crescimento sempre esteve vinculado ao fenômeno das “secas periódicas”, prestam-se admiravelmente para o estudo dos costumes políticos reinantes na segunda metade do século 19. E não somente dos costumes políticos do Ceará: também da sua própria economia.

Os dinheiros procedentes do Acre — perto de dois contos de réis — quantia quase astronômica para aqueles tempos e que, por isso, bem justifica a pluralização da palavra dinheiro. iluminaram a cabeça do ex-diretor do *Ateneu*, criatura meio versada em línguas e, em certa fase da sua vida, jornalista ao lado de Agapito dos Santos, que lhe publicara fogosos editoriais contra a oligarquia aciolina, em dias realmente perigosos, com uma idéia absurda e inesperada para mim. Absurda e inesperada por isto: eu crescera dentro de farta biblioteca de obras raras, que o vigário de Pereiro herdara ao mais querido dos sobrinhos, no caso o meu pai Adolfo Carvalho, ex-seminarista da Praínha, impossibilitado de ordenar-se, não à falta de latim ou de vocação, mas simplesmente por falta de idade. A idéia, que me arrepiara os cabelos, era esta, sem mais nem menos: abrir-se para mim, no Mercado Público de Iguatu, uma bodega bem sortida, conforme me prometiam, na malograda catequese a que me submeteram.

Armei-me da força, da coragem e da resistência com que, segundo lia nos jornais, Rui Barbosa, Pedro Moacir, Maurício de Lacerda e Irineu Machado combatiam o governo da República, obstruindo a votação de leis tirânicas. E, senão com o mesmo brilho e a mesma experiência, mas pelo menos com idêntico arrebatamento e maior obstinação, procurei destruir as sinistras intenções paternas. E lutei, e bati-me com toda a alma, pois meu pai, intelectual mais ou menos brilhante, homem até de muitas letras clássicas, fora desgraçadamente vencido pelo meio sertanejo — esse meio esterilizante, apagado e anônimo das pequenas cidades do interior — que somente concede asas de vôo longo aos pássaros e às abelhas.

Acabei vencendo. Meu tio Campos, lusíada compreensivo, de alma já com muitas cicatrizes, foi o meu braço direito nessa batalha finalmente ganha por mim, aos quinze anos de idade. Mas a ajuda não foi apenas moral: o pai de José Maria Moreira Campos, o hoje contista nacional Moreira Campos, deu-me de presente velha mala de lona, que foi restaurada em tempo mínimo por meu avô materno, outro lusíada, de alma de várias dimensões. Com uma roupa de brim caque, calças boca-de-sino, moda então reinante no Iguatu, desembarquei triunfalmente na Central, sem nenhum vestígio das canseiras da viagem, dormida e comida péssimas em Senador Pompeu. Vestido nessa mesma roupa, protegido por um chapéu de palhinha, de abas longas, como o dos antigos paroaras, e calçando uns sapatos vermelhos, de couro de canguru, logo no dia seguinte recebi pequena vaia na Praça do Ferreira. Suportei com sangue frio e resignação essa inamistosa manifestação do velho logradouro público, onde iriam decorrer mais de trinta anos de minha agitada vida ideológica, em batalhas campais com a polícia e algumas delas com fascistas fanáticos, guiados por inquieto sacerdote, que mais tarde arrebatou-me a foice e o martelo, sem dar-me, em troca, pela dureza de minh'alma ou pela fraqueza das suas convicções religiosas, a cruz que enchera a vida do meu pai, enfeitara a morte de minha mãe e jamais encontrou guarida neste meu coração — coração bárbaro, cético, misterioso, onde,

contraditoriamente, o fel se mistura ao mel de abelha e, em meio a tanta vida, sempre houve um cantinho para a morte, isto é, para a sepultura de mortas desconhecidas, que eu choro, que me encham de saudade, sem que eu lhes saiba a forma do corpo, a cor dos olhos, o som da palavra.

Unidade anônima dos então cinqüenta mil habitantes da cidade — tão mal contados como ainda hoje — instalei-me, com visível constrangimento meu, na casa de uns parentes pelo sangue paterno, — parentes que fiscalizavam de perto e com extremo cuidado o meu irrepreensível apetite de menino sertanejo, habituado a trincar rapadura no dente, comer santo-antônios de feijão, farinha e toucinho, além de não dispensar o genipapo, a banana e o chibé. Restava-me apenas procurar professor particular, que me preparasse para os exames no Liceu.

Os bons fados me conduziram ao curso do Professor Martinz de Aguiar, na Rua Senador Pompeu, entre as então Travessas São Bernardo e Trincheiras. Matriculei-me em português e francês. Na primeira matéria, o trabalho de redação era feito em casa. Nas minhas descrições, nunca deixou de vir esta nota do mestre, a um canto da página: “Se não foi escrita por outrem, grau dez.” Na cidade de Iguatu, eu levava a vida a ler, graças à biblioteca do Padre Carvalho, herdada por meu pai, como já disse. Traduzia o gaulês com facilidade, dele aprendera riquíssimo vocabulário, a ponto de, quase sempre, não ter necessidade de recorrer ao “pai-dos-burros”.

Nos meus primeiros meses de Fortaleza, após experimentar a companhia de duas famílias, fui residir numa *república*, localizada na Rua 24 de Maio — república dos irmãos Joel e Josafá Linhares, agora e sem nenhum favor, duas respeitáveis figuras do mundo intelectual da nossa terra e membros dos mais conspícuos desta ilustre Casa. Morava à nossa esquerda bisonha beletrista solteirona, que, sem nunca ter-me visto em pessoa ou fotografia, passou a implicar comigo nas horas todas do dia. Acompanhava, com vivíssimo interesse e prodigiosa capacidade de atravessar, com os seus olhos de vista cansada, as grossas paredes que nos separavam, a minha modestíssi-

ma vida no pequeno espaço da *república* e respectivo quintal — quintal da Fortaleza antiga, com seu clássico e indispensável cacimbão e alguns mamoeiros e ateiras, também clássicos. Uma vez, timidamente semi-nu, tive de escutar a acérrima censura, que partia, altissonante, do outro lado do muro:

— Homem que lava roupa não presta!

Na verdade, estudante paupérrimo, eu guardava os domingos para lavar e engomar a minha farda do Liceu, bem como as escassas peças íntimas de um rapaz resolvido a estudar, de estômago cheio ou de estômago vazio. Só muito mais tarde pude dar-me ao luxo de possuir lavadeira — para honra minha a mesma do poeta Soares Bulcão.

Nessa *república*, onde só pendia uma fotografia à parede — a de Joel com a batina de seminarista — esse meu querido companheiro, já então muito sabido em línguas neolatinas, ensaiava os primeiros versos, enquanto Josafá devorava os primeiros livros de sociologia e outros assuntos de bastante seriedade. Eu mantinha acesa a minha paixão pelos clássicos portugueses, lendo Bernardes com verdadeira felicidade intelectual e espiritual. Joel, nesses dias inesquecíveis, preparava-se material e psicologicamente para noivar. Fiel à tradição da juventude brasileira — quiçá da juventude de todos os países — versejava com devoção e sem fadiga. E que ele, sem dúvida aqui presente, não se zangue com a revelação irreverente, porém amiga: escrevia, riscava, escrevia de novo, sem parar. Certa noite, sacudiu-me o punho da rede, para pedir, meio impaciente:

— Dê-me uma rima para *arreiga*, forma arcaica de *arraiga*.

Num dos seus trabalhados e trabalhosos sonetos — escritos, reescritos, modificados num labor sem fim, noite a dentro, li com legítimo espanto, entre o título e o primeiro verso do quartozeto já passado a limpo: “Improviso, sobre a perna, em casa de minha noiva.” Desde esse instante, devido ao crédito que sempre concedi à palavra sempre séria de Joel, passei a duvidar do real sentido do termo *improviso* como vinha registrado, com a sisudez e a sabedoria do costume, por dois velhos amigos muito prezados por mim: Aulete e Morais.

Ledor sem canseiras, vez por outra ou tentava o verso e a prosa, que apareciam timidamente na revista literária do “Grêmio Farias Brito”, do Liceu. Mas o que me tentava, de verdade, eram as rodas de intelectuais do “Café Riche”, — por via desses grupos letrados, já famosos em Fortaleza. Procurei então aproximar-me dessas rodas — como simples curioso, é claro. Hoje, não é preciso forçar a memória, tão generosa no homem para os fatos antigos, se quiser apontar, uma a uma, as prestigiosas figuras que enriqueciam esses bandos barulhentos de escritores, jornalistas e poetas. Aponto, entre muitos outros, Quintino Cunha, com o seu humorismo limpo e inesgotável, poeta de quem se arrancava sempre a declamação do “Encontro das Águas” e outras jóias poéticas da lavra preciosíssima do maior boêmio cearense depois de Paula Nei; Álvaro Fernandes, de calças de casemira listrada, fraque impecável, chapéu do Chile, bengala de cabo de marfim e o vocabulário mais científico deste mundo; Sales Campos, dono, por decisão própria, da literatura local; Mozart Pinto, culto, irônico, já louvado àqueles tempos graças aos lípidos discursos de paraninfo em turmas da Escola Normal e do Colégio da Imaculada Conceição; Mário da Silveira, com aqueles olhos imensos e profundos, em que sempre li o mais solene desprezo por todos os versos que lhe recitavam ou por toda prosa que lhe era mostrada; Papi Júnior, o grosso volume dos *Gêmeos* sob o braço, pequenino, calado, com cicatrizes bem notórias no pescoço; em passagens rápidas, o elegantíssimo Beni Carvalho, o meteórico Adonias Lima, o simplíssimo Ermínio Araújo, que suave latim; Sidnei Neto, fisicamente e na roupa o mais bem posto poeta que me foi dado conhecer naquela *belle époque*; Gastão Justa, com os seus sonetos líricos; Antônio Furtado a ler tempestuosamente o recém-criado “Besouro Azul” e mostrar, calças arregaçadas numa das pernas, feíssima ferida acreana, desdenhosa das mais eficientes pomadas e de todos os depurativos do sangue; Sílvio Júlio, professor do Colégio Militar, já autoridade em literatura sul-americana de língua espanhola e logo passando a amar autores e assuntos cearenses; Otacílio Azevedo, recém-chegado de Redenção, ex-

funileiro, pintor e aprendiz de fotógrafo, a dizer, com sentimento e entusiasmo, inspirados sonetos e poemas, evocadores aqui e ali de uma Cleonice sempre lembrada, sempre chamada e — quem sabe? — inexistente como certas Lauras, certas Maristelas, certas Marias que enfeitam a obra de tantos poetas. Inexistentes, porque não tiveram vida intra-uterina, não viram a luz do sol ou da lua no nono mês de gestação; porém muito mais reais, com muito mais sangue, mais voz e coração do que bem-amadas de carne e osso, que se casam depois de longos e monótonos noivados e perdem a graça, o encanto e o mistério nos primeiros anos de casamento. Se as primeiras — as inventadas pelos versejadores — nascem de imposições do nosso inconsciente, onde se acumula, sem perda de nada, tudo o que se amontoa em nossas ambições, tudo o que se vincula às nossas reivindicações humanas, artísticas, pessoais ou de classe e, por isso, se perpetuam na poesia, no romance, na pintura e na escultura, quando criadas por gênios, — as segundas se vulgarizam com a gravidez, as doenças próprias da mulher, a gordura nascida do ócio e a vida ombro a ombro, frente à frente, todos os dias, todas as noites, dentro da mesma casa e dos mesmos assuntos cotidianos.

Otacílio cintilava na pintura e no verso. Se pintava portas, portões e paredes, segundo confessa, humildemente, em poema autobiográfico, cinzelava estrofes magníficas, em que se misturavam as escolas poéticas da nossa literatura, mas sem o menor prejuízo para a essência espiritual ou filosófica dessas estrofes, que já marcavam, em largos traços, o enorme artista em formação.

Filho do povo, oriundo da camada mais modesta desse povo, poderia ter sido, se ideologicamente conscientizado, o maior vate proletário do seu país, tamanha é a força dos seus símbolos, a magia da sua palavra e o poder inigualável da sua inspiração. A esse tempo — tempo áureo das nossas letras provincianas — a literatura, pelo menos no Brasil, ainda não se dividia em literatura burguesa e literatura operária. Quem, nesses dias marcantes e saudosos, iria procurar em

condições econômicas, em situações de classe, o conteúdo e a forma do poema, da novela, do romance?

Em verdade, não nego, nem ignoro, que a literatura e as artes, em todos os povos e em todas as idades, sejam realmente as da classe dominante, proprietária exclusiva dos meios de propaganda: ontem, a imprensa e a escola; hoje, a imprensa, o rádio, a escola e a televisão. Mas ocorre que, mesmo sob a Ditadura do Proletariado, na União Soviética, Lenine lia os clássicos universais, ouvia Beethoven, deleitava-se com os livros de Tolstoi e, coerentemente, pedia e pregava a liberdade para a criação artística. Antes dele, Carlos Marx, seu mestre, acreditava na imortalidade da arte grega, filha, não de operários, mas de uma elite intelectual que, apoiada no trabalho escravo, tinha tempo, e de sobra, para escrever poesia, teatro e filosofia, além de sobressair-se na estatuária e na arquitetura. As letras e as artes dessa elite atravessam triunfalmente os tempos e, com o sinal da eternidade, enfrentam ideologias e regimes econômicos e políticos que não poderiam gerá-las. Tudo isso vem provar que a arte tem espírito próprio, alma própria e, quando saída das mãos de gênios, não valem contra ela as ditaduras ideológicas, sejam elas socialistas ou capitalistas.

Na poesia de Otacílio de Azevedo, pela ausência de conscientização ideológica do autor, o crítico e o intérprete dispõem lentes especiais para identificar, com exatidão, as influências da elite intelectual da classe dominante, elite essa repartida entre românticos, simbolistas e parnasianos. Se, na poesia do negro-pobre Cruz e Sousa, se ostenta a presença obsessiva dos termos brancura, ouro, marfim, púrpura, alabastro e expressões como *brancura vaporosa*, *brumais brancuras*, *virgem branca*, *vinho d'ouro*, *prónubas alvuras*, *tardes de ouro*, *alvuras castas*, *rosas brancas*, *seios láteos*, *branca Via-Látea*, *doirada messe*, *véu de neve*, colhidos por mim nas vinte primeiras poesias dos *Broquéis*, os termos e expressões acima citados não oferecem nenhuma afinidade com o *preto* e o *pobre* que se irmanam na pessoa do poeta catarinense, porém se apresentam como natural compensação à humildade das

suas origens sociais e ao pecado, imperdoável no seu tempo: a malsinada procedência africana.

Repete-se o fato, plenamente, em relação a Machado de Assis. Mulato e pobre, o romancista de *Dom Casmurro* foi escritor socialmente branco. Leu e seguiu os clássicos da literatura portuguesa — literatura de brancos; escreveu com a mesma correção de poetas e escritores brancos. Só o Rio de Janeiro socialmente branco desfruta o privilégio de comparecer aos seus romances e novelas, tanto na primeira como na segunda fase da sua literatura. Os morros, as favelas de negros, mulatos, caboclos, cafuzes e cabras, como exemplos étnicos, omitem-se na obra machadiana. Nas letras, compensou-se franca e fartamente da inferioridade de raça, esta última pacificamente aceita àquelas épocas.

O fenômeno Otacílio de Azevedo poderia assemelhar-se, por motivos logo percebíveis, ao fenômeno Machado de Assis. Porém, como tentarei provar, não existe analogia total nos dois acontecimentos literários, personificados no romancista carioca e no poeta cearense. Ambos se compensam socialmente. Mas, no processo de capilaridade que os eleva até a cúpula da sociedade a que pertencem, Otacílio muda de *status* apenas como proletário (ex-funileiro, pintor de paredes), enquanto Machado, no processo de mudança, isto é, no processo de ascensão, procura ignorar, não apenas a pobreza material, mas principalmente o fato da miscigenação que, para ele, — um dia, escritor branco, — há de ter constituído um drama íntimo de imensas proporções. Drama que se adivinha na sua obra literária, com a ausência e conseqüente negação do mundo onde, de fato, nasceu.

Azevedo não se conformou com as condições de proletário e, fazendo vista grossa sobre a criatura mestiça, provinda do sangue de três raças, procura subir apenas no sentido social, com base também na ascensão profissional: funileiro, pintor de paredes, pintor de paisagens, grande pintor de retratos.

Vale a pena insistir no fenômeno Otacílio Azevedo.

No fascinante curso da obra desse poeta só é, pois, visível a tentativa de compensação social. Produto de raças dis-

tintas, como a quase totalidade dos brasileiros, máxime no Nordeste, o aedo conterrâneo não disputa o *status* racial do branco. O negro e o índio diluídos nesse mestiço não reivindicam mulheres caucasianas, de *formas alvadias, de brancuras vaporosas, de cabelos de ouro ou prônubas brancuras*, que deixam facilmente adivinhar reivindicações compensatórias de fundo limpidamente étnico. O *homem pobre, o individuo proletário*, no processo de capilaridade social que leva o bardo cearense até a elite letrada da classe dominante, não poderia esquecer, como na realidade não esqueceu, as *tardes de ouro, os luares de prata, os castelos, as castelãs, pianos solitários, Beethoven, Chopin*, além de toda a mitologia dos gregos — dos gregos que pensaram, amaram, filosofaram, escreveram tragédias, odes, ditirambos, ao mesmo tempo em que, de modo imortal, esculpiram estátuas e colunas de mármore, sob o céu da Ática, mas num ócio fecundo, garantido pelo labor anônimo de escravos. De escravos que, mesmo por serem anônimos, só aparecem na história econômica da Grécia e apenas por exceção nas letras, na filosofia, nas artes da terra sagrada de Sócrates e Platão.

Proletário e racialmente impuro, como quase todos nós das letras, das artes, da política e da economia do Ceará, Otacílio é, por isso mesmo, poeta da classe dominante — classe, aliás, só branca do ponto de vista social. Poeta da classe dominante como o foram Bilac, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho e outros intelectuais brasileiros *socialmente brancos*.

É claro que faltou e ainda falta conscientização ideológica a Otacílio de Azevedo, como ocorre também a outros poetas proletários que se compensam com o ouro, a prata, os rubis, os topázios, os diamantes, a mitologia intensamente usada pelos intelectuais da elite mental da classe que domina. Mas, de um modo geral, o poeta, o prosador, o artista, com ou sem a consciência da organização econômica e social do seu mundo, não podem ser tratados, na sua produção mental, com a rigidez da dialética ortodoxa, isto é, não podem ser vistos e interpretados pelo mesmo ângulo com que se estudam os

criadores de fatos econômicos. Os russos, sob Stalin, não pensaram assim. Mas ainda sofrem na própria carne a desgraça advinda do erro da ortodoxia, do dogmatismo, realizando poesia paupérrima e romance comprometido, uns e outros a serviço de um regime em construção. Essa poesia e esse romance não resistiram ao tempo. O poeta, o escritor, o arquiteto, o artista, precisam de mãos e imaginação livres, isto é, de mãos e imaginação desamarradas. Quando o gênio fulgura no artista, no intelectual, a obra desses privilegiados assume caráter de perenidade, sejam eles artesãos, trabalhadores de fábrica, barões feudais, príncipes ou capitalistas. A arte cabe em todas as classes sociais, no âmbito de todas as raças, no círculo universal da mestiçagem étnica. Atravessa estruturas econômicas de toda espécie, vence sistemas políticos, procura sobreviver nas catacumbas. Mas, furando os séculos, chega a milênios como a dos gregos. Nos sistemas políticos fechados não há clima nem lugar para os artistas e intelectuais autênticos: neles, isto é, nesses sistemas políticos trancados a sete chaves, vegetam os eunucos, multiplicam-se os autômatos. Na União Soviética destes últimos dias, já se reconhece e se proclama o erro de aplicar-se às letras e às artes os princípios de uma dialética ortodoxa. Cuida-se, assim, de tomar novos caminhos ou, melhor, os velhos caminhos de Marx, de Engels e de Lenine.

No meu entender, entre 1910 e 1930, pode e deve ser situada a fase mais brilhante, mais fecunda e mais interessante, sob múltiplos aspectos, da vida mental cearense. As personalidades que marcam e ilustram essas duas décadas notáveis, eu quero dividi-las em três grupos perfeitamente distintos entre si: a) o dos homens de grande e reconhecido saber, entre os quais se evidenciam velhos professores de Direito e de Humanidades, jornalistas famosos, oradores eventuais de solenidades de muita magnitude; b) os dos literatos propriamente ditos e de nome já consolidado, pelo menos na Província; e c) o dos intelectuais estreados, poetas na sua maioria.

No primeiro grupo, apresento Tomás Pompeu, Antônio Augusto de Vasconcelos, Soriano de Albuquerque, João Brígido, Agapito dos Santos, Monte Arrais, Álvaro Fernandes, Martinz de Aguiar, Clóvis Monteiro, Newton Craveiro, Joaquim da Costa Nogueira, Raimundo Arruda, H. Firmeza, Beni Carvalho, Rodolfo Teófilo, Adonias Lima, Barão de Studart, Júlio Ibiapina, sendo João Brígido o maior de todos.

No segundo, seleciono Soares Bulcão, Alfredo de Castro, Irineu Filho, Mozart Pinto, Papi Júnior, Rodolfo Teófilo, Beni Carvalho, Cruz Filho, Padre Antônio Tomás, Sales Campos, Mário da Silveira, Carlos Gondim, Antônio Furtado, Manuel Monteiro, Herman Lima, Júlio Maciel, Otacílio de Azevedo, Quintino Cunha, José Albano, Raquel de Queirós — que nasceu feita. Já em fins d'água dessa bela época, retorna do Sul o romancista e poeta Antônio Sales, já sob o peso de nome famoso, que ele conseguira, em definitivo, com a publicação do *Aves de Arribação*, obra de características próprias, com enredo fascinante, linguagem limpa, frase correta, estilo sem vacilações. Nesse livro, o autor não rende homenagem ao falar caipira, mas traduz impecavelmente a alma das pequenas cidades do interior, em narrativa singela, diálogos tirados da língua oral, fiéis ao pensamento, às idéias, aos sentimentos e até às mascaradas intenções dessa gente que vegeta em redor de uma Praça da Matriz, sem ou outras diversões além das festas de aniversário e danças em dias de casamento.

No terceiro e último grupo, coloco Elias Mallmann, Edigar de Alencar, Sobreira Filho, Filgueiras Lima, Carlyle Martins e Clodoaldo Alencar, este último agora sergipano adotivo, pai de um grande poeta, e também componente da Academia de Letras do menor Estado brasileiro, depois da Guanabara. E, finalmente, em lugar de muito destaque, Martins d'Alvarez, em cuja poesia diferente, poucos anos depois, iria explodir o sentimento brasileiro, com as cores, os sons e os ritmos da alma de três raças — as três raças tristes de Bilac.

Antônio Sales foi o mestre inegável do segundo e do terceiro grupos. Apenas este pálido orador, que se intrometera na roda dos estreatantes, não lhe rendia as devidas homena-

gens. Não por negar-lhe a glória literária e a indiscutível autoridade no mundo dos intelectuais indígenas, mas pelo simples fato de Sales ajudar, com excessiva generosidade, literatos de meia tigela, absolutamente inviáveis. Noutras palavras: sub-literatos, poetastros sem alma, que lhe assaltavam, a pleno sol, a pródiga e recheada bolsa de elogios, em troca de curvaturas de espinha muito maiores que as dos muçulmanos nas mesquitas de Alá.

Nessa época de ouro, eu amava dois livros cearenses e dez sonetos também cearenses. Os livros, *Terra de Sol* e *Aves de Arribação*. Os sonetos? Nem mo perguntem: só poderiam ser de José Albano.

Adversário ideológico de Gustavo, a quem combateria posteriormente em discursos e artigos de jornal, jamais deixei de reler, no aceso de nossas lutas e com renovada emoção, a sua obra de estréia, aliás o maior de todos os trabalhos literários que veio publicar, na sua longa, próspera e festejada vida de escritor. Fisicamente afastado de Antônio Sales, contudo sempre tive tempo para percorrer, por muitas vezes, página a página, o seu extraordinário romance, infelizmente ainda não descoberto pelos ensaístas que tentaram fazer a sociologia das cidadezinhas do interior — isoladas no tempo e no espaço.

Hoje, os dois nas sombras da Eternidade, envido esforços verdadeiramente heróicos para reeditar parte da obra de Gustavo Barroso, exatamente aquela que se enraíza na vida cearense e onde ele derramou toda a sua ternura de cabeça-chata irredutível. Quanto a Antônio Sales, cabe-me esclarecer. Já não saiu em segunda edição o seu romance? Resta-me tão-somente lamentar a publicação global da sua obra poética, ocorrência destes últimos dias. Poetas, mesmo grandes, tiveram os seus cochilos gramaticais, as suas fraquezas estilísticas, as fragilidades e pobreza de conteúdo. Sales não poderia fugir à regra, versejando como, na verdade, versejou desde a juventude, ou seja, desde o tempo das *licenças poéticas* e da tolerância quanto a vícios de linguagem e à colocação de pronomes.

A fama de Antônio Sales é grande, quase do tamanho da glória de José Albano, poeta dos maiores em qualquer das grandes literaturas: clássicas, modernas ou contemporâneas. Publicou-se do vate do Parazinho o que ele, se vivo, já teria cueimado. Caberia, sim, a organização de uma antologia, contendo no máximo cem produções, entre sonetos e poemas. Essa antologia, estou bem certo disso, afrontaria a ação corrosiva do tempo e poria a salvo, e para sempre, o nome que o poeta construiu com talento, dignidade e, sobretudo, com aquela alma simples que lhe andava em tudo: no romance, nos versos, nos diálogos da vida cotidiana.

Nas duas décadas a que aludi, não ocorreram apenas fatos de puras letras, alguns deles de relevante importância como a publicação de *Ceará — Homens e Fatos*, de João Brígido; a *Comédia Angélica*, de José Albano, e *O Quinze*, de Raquel de Queirós. O primeiro serviu para revelar o *primus inter paris* na crônica histórica do Brasil. O segundo, revelou, não o imitador de Camões, mas o gênio que logrou restaurar, sobre um passado de séculos, não as letras, mas o clima camoniano, dentro do qual, com as palavras usadas pelos clássicos seiscentistas, conseguiu guindar-se à altura, senão do épico de *Os Lusíadas*, pelo menos do lírico das *Rimas* — o fato facilmente explicável: a época das conquistas se congelou na História, enquanto o amor vem das raízes de todos os povos e sempre há de receber a marca da eternidade. O terceiro livro, isto é, o de Raquel de Queirós, esse teve o destino de, ao lado d'*A Bagaceira*, integrar o Nordeste das secas na literatura nacional, — o que não conseguira *Luzia-Homem*, por fragilidade literária, e *A Fome*, de Rodolfo Teófilo, à falta de circulação.

Assinalaram esse tempo inesquecível — o vintênio 1910-1930 — dois fatos tristíssimos que se misturaram à luminosa boêmia de Quintino Cunha: o assassinio de Mário Silveira, aos vinte e dois anos, e o de Carlos Gondim, artista cuja existência se sentira constantemente abalada por autênticos terremotos morais. Esses autênticos sísmicos enrugaram as faces do

poeta, embranqueceram-lhe os cabelos e o levaram a afogar no álcool os infortúnios de uma vida amarga e procelosa, marcada de grandes sonetos e não menores desatinos, na sua vida particular. Mário da Silveira! Jamais esquecerei aquele rosto belo e jovem, aquela palavra já de mestre numa juventude a amadurecer antes do tempo; aquele modo, somente dele, de declamar os mais belos sonetos que já se escreveram no Ceará, depois dos dez ciclópicos quartozetos de José Albano. Os legítimos poetas da nossa terra, esses lhe choraram a morte trágica e precoce. Certa noite — era 31 de dezembro, na hora mesmo da morte do Ano Velho — doentes de saudade, eu, Sidnei Neto e Otacílio de Azevedo fomos prestar a mais comovente homenagem (que, aliás, já tardava) ao companheiro desaparecido. Transpusemos, sem ser percebidos, o alto muro do Cemitério de São João Batista. E, com a ajuda do luar (como é frio o luar dos mortos!) acabamos identificando a cova rasa de Mário, no plebeu terceiro plano do Campo Santo. E vieram poemas e sonetos, dele e nossos. Sidnei agitava a vasta cabeleira, abria os braços pateticamente. Eu e Otacílio, menos dramáticos, porém profundamente tocados em nossos corações, recitávamos, com toda a força da alma e da saudade, os magnos sonetos de *Coroa de Rosas e de Espinhos*. Havíamos bebido um pouco e, por isso, não faltaram palavras de protesto, palavras de ódio sagrado. Já quase madrugada, nós nos despedíamos de Mário, o artista assassinado. E, ao saltarmos, dessa vez para fora, o muro do São João Batista, as nossas cabeças, principalmente a de Sidnei, encheram de pavor, pela surpresa de tão esquisita aparição — ainda no escuro da noite e no muro da Cidade dos Mortos — os humildes e anônimos moradores da ruazinha adjacente. Parece que estou vendo: correria louca, tamboretas de pernas para o ar, gritos assombrados de mulheres, portas a se fecharem com violência e estridor.

Ainda nestes vinte anos, além da publicação de um livro muito sério — *Algumas Origens Históricas do Ceará* — editaram-se *Os Cantadores*, *Sertão Alegre* e *Viroleiros do Norte*, do saudoso Leota, que reuniu frutos maduros para o folclore

nacional; surgiram os *Poemas dos Belos Dias*, de Cruz Filho; ocorre o vitorioso aparecimento de *Alameda do Sonho*, de Sales Campos; aparece nas livrarias *Escada de Jacó*, de Epifânio Leite, poeta-filósofo de larga envergadura; lêem-se a *Antologia dos Poetas Cearenses no Centenário* e a *Antologia dos Novos*, respectivamente organizadas por Sales Campos e Aldo Prado. *Alma Ansiosa* vem pelos idos de 18, arrancando aplausos, por sua música diferente, pelo poder imaginativo do autor, o Otacílio de Azevedo, que esta Academia hoje recebe, no mínimo com vinte anos de atraso.

Nas duas décadas famosas, embora além das fronteiras físicas do Ceará, nascem duas obras fundamentada e visceralmente cearenses: *Terra Mártir*, de Júlio Maciel, e *Terra de Sol*, de Gustavo Barroso. O volume de estréia de João do Norte é, sem dúvida alguma, o maior livro do Nordeste. Por sua ternura, pela exatidão das observações e pela simplicidade da linguagem, nenhum outro o suplantarás, pelo menos neste século.

Penso eu que, ao encerrar a pequena história de uma fase tão lúcida e tão bela das nossas letras clássicas, não poderia deixar sem registo o nosso movimento renovador, retardado de alguns anos quanto à Semana Modernista, de São Paulo, no ano de 1922. Raquel de Queirós, Paulo Sarasate, Heitor Marçal, Sidnei Neto, Franklin Nascimento, Mozart Firmeza, Demócrito Rocha e outros empunham a bandeira da renovação. Restam, como vestígios inapagáveis do modernismo cearense, “Telha de Vidro”, poesia de Raquel, e “O Jaguaribe é uma artéria aberta”, poema imortal de Demócrito.

Bato na testa: um esquecimento, que ninguém me perdoaria, por certo. Ia olvidando a turma de cabotinos fabulosos que, usando cartolas ou chapéus-coco nas cabeças vazias de ciências ou de literatura séria, se aproveitavam de datas nacionais e estaduais, para discursos infundáveis e ociosos. Lembra-me que um deles obrigou a Prefeitura a pintar de preto a estátua de Pedro II, ali na Praça da Sé, para reinaugurá-la ao som de uma banda de música.

Um desse grupo pertencia a esta Casa, na sua reestruturação ao tempo do presidente Justiniano de Serpa. No jornal *A Tribuna*, do então fogoso e valente jornalista Fernandes Távora, o antigo Acadêmico passou a escrever o perfil dos seus trinta e nove companheiros. Quando chegou ao derradeiro dos perfilados, reclamei:

— Professor, sem o seu perfil, o trabalho ficará incompleto. A história da nossa literatura reclama os perfis dos quarenta.

No dia seguinte, *A Tribuna* publicava o quadragésimo retrato dos imortais cearenses. Estava escrito, assim, magistralmente: “Antônio Teodorico da Costa — Dizem-no o mais sábio; sei-o, porém, o mais modesto.”

Bem antes da publicação de *Quem é o Sertanejo*, ensaio sociológico de Newton Craveiro, pedagogo e didata de nascença, vem a *Sedição de Juazeiro*, de Rodolfo Teófilo, cuja segunda edição, com prefácio de Hugo Catunda, será lançada por mim nos primeiros dias de março próximo. Em seguida à obra de Newton, vêm *Ânsia Revel* e *Poemas do Cárcere*, de Carlos Gondim — livros másculos, com verdadeiro abismo estético entre os dois. O parnasiano frio de *Ânsia* é superado e vencido pelo artista rebelado que, *por entre grades, olhava o mar, que implorava aos céus piedade* (ou liberdade), *no seu presidio de milenar. Alma Ansiosa*, de Otacílio, segundo já referi, traz a placa de 1918. Foi recebido entre palmas. Porém — tomai nota! — só depois de cinqüenta anos — comprido meio século — o seu autor recebe o diploma da imortalidade.

No curso de tão longo tempo, Otacílio não permaneceu de braços cruzados. Melhor: de pena parada. A obra de estreia foi seguida de *Réstia de Sol*, *Musa Risonha*, *Desolação*. *Últimos Poemas* e *Adágios, Mezinhas e Superstições*.

Em toda a sua vida poética, não se lhe mudou o clima sentimental e emocional que presidiu o nascimento de *Alma Ansiosa*. É também a mesma a música do verso, a exaltação dos sentimentos, a obsessão da cor, o animismo que humaniza as árvores, os rios, os bichos, os crepúsculos.

Sem mais delongas, vou abrir o primeiro livro do novo Acadêmico e ler o soneto “Carro-de-bois”, que reúne toda a

arte, todas as tendências poéticas de Otacílio e é, também, um dos maiores da poesia brasileira:

*Rodam, tardas, gemendo, as rodas, arrastando
os pesados pranchões de pau-darco. Angustiado,
ora altivo e roufenho, ora moroso e brando,
todo o carro-de-bois é um soluço abafado...*

*A hora viúva e glacial do crepúsculo, quando
o sol nasce, o seu canto é tão doce e magoado
que ora nos prende à terra, ora nos vai levando
na asa de oiro de um sonho a um longínquo passado.*

*Choram, tristes, à frente, os bois mortos de sono...
Há uma vaga tristeza, uma ansiedade em tudo
e a paisagem dir-se-ia um pôr-de-sol de outono...*

*Ó, Natureza-Mãe! sei quanto sofres, pois
vejo, ansioso, rolar todo o teu pranto mudo
pelos bons olhos melancólicos dos bois...*

Em *Réstia de Sol*, uma de suas gemas é, sem dúvida, o quartozeto "A Cigana", que ireis escutar:

*Quando era criança, ouvi de uma linda cigana,
cuja amarga expressão me ficou na memória,
meu passado e futuro... E uma lágrima ufana
os olhos me orvalhou, mal principiara a história...*

*— Amarás... E esse amor, de vitória em vitória,
há-de, eterno, evoluir numa ansiedade insana...
Serás poeta, mas nunca alcançarás a glória,
e o mal que te virá de ti mesmo promana!...*

*Serás bom... Teu presente a tua prole bendiz.
E, por não seres mau, passarás fome e sede,
e hás-de ser, sobretudo, ignorado e infeliz...*

*Faz vinte anos. . . Sou poeta. Amei muito. Alguém
[há-de
dizer que mentem muito as ciganas. Mas vede
que essa, em vez de mentir, só dissera a verdade.*

Em *Desolação*, último dos grandes livros do meu novo companheiro, não muda, a exemplo dos anteriores, a música, o ritmo do verso. E são também os mesmos o clima de emoções, a mistura de escolas, a obsessão da cor, a espiritualização da carne nos anseios da perfeição e, entremostrando-se, com discreção para muitos e abertamente para mim, o processo, que não para, da ascensão social pela poesia.

Otacílio de Azevedo sempre foi, a um só tempo, lírico, romântico, simbolista e, também, apesar do fogo sagrado, da força das emoções, poeta parnasiano e dos melhores, se levarmos em conta a rigidez da forma, o mármore e o alabastro com que ele modela os seus alexandrinos.

Toda a poesia otaciliana tem as suas raízes espirituais e emotivas em *Alma Ansiosa*. Esse livro se projeta e se prolonga no tempo através dos que vieram depois, numa repetição, sem monotonia, da música, do ritmo, de sentimentos e pensamentos não totalmente revelados para os leigos, porém claríssimos, evidentiíssimos para os que se entregam à elucidação dos mistérios da alma do homem, escondida nas sombras e profundezas do inconsciente.

A maior e melhor definição poética de Otacílio de Azevedo e, outrossim, da sua marcante personalidade artística, ele próprio no-la oferece num soneto de simplicidade e pureza franciscanas:

MEU VERSO

*Que outro, não eu, traga assente
no que escreve um diamantino
modo, escorreito e mais fluente,
lapidado em ouro fino.*

*Eu, não. Escrevo somente
o que sofro, o que imagino.
Sonho o Verso — água corrente
sem leito certo ou destino...*

*Ao meu Verso — água sem curso,
cabe, ao menos, o recurso
de refletir a visão*

*das asas em movimento
que solta de encontro ao vento
o moinho do coração!*

Esse soneto constitui exatamente a antítese do “Profissão de Fé”, no qual Bilac, sem prever a desgraça que, mais tarde, atingiria as nossas letras, agora assaltadas por uma corja de deturpadores e conspurcadores da poesia e da prosa, *invejava o ourives, quando escrevia, achava que frase devia ser aprimorada, alterada, limada, para o engaste da rima no verso de ouro* — verdadeiro martírio de artesanato, ignorado, sem dúvida, por quem vê no verso simples *água em curso*.

Água em curso... Protesto veementemente, ó excelso vate! O seu verso, senhor Otacílio de Azevedo, é o mais profundo, o mais largo, o mais caudaloso rio registrado pela geografia poética do Ceará. Os rios que nascem, marulham e correm na alma do homem não podem ser medidos, nem quanto à extensão, nem quanto ao volume das águas, isto é, das lágrimas.

Às vezes, pelo poder das circunstâncias e exigências do tema, a gente desce a idéias e comparações vulgares. É o que vai ocorrer neste minuto.

O Amazonas — o velho Solimões de Quintino Cunha — é uma corda flúvia a correr no Equador, quase como linha divisória de dois hemisférios, na América do Sul. É, por isso, alimentado de água o ano todo: durante seis meses, água do Sul; nos outros seis meses, do Norte.

Na poesia otaciliana — choroso, profundo rio de lágrimas sem fim — afluem os rios de pranto da mocidade do aedo amargo e triste; afluem também os rios de agora, ricos de sal e de amarguras, com o nascedouro à vista, que são os desencantos e os desenganos da velhice, mesmo quando essa velhice ainda reflete luas de prata, ocasos de ouro e não empunha, nem por brincadeira, o lenço da despedida.

Sr. Otacílio de Azevedo:

Fui muito pálido, muito sem profundidade, no rápido estudo da sua poesia emocional, do seu verso sempre com música personalíssima, da sua magnífica personalidade literária. É também certa a filosofia popular: “cada um faz o que pode, cada um dá o que tem”. Resta-me estender-lhe a mão, de modo respeitoso, mas fraterno. E também lastimar o atraso com que bate às portas desta Casa, já de cabelos grisalhos e curvado, não ao peso da idade, porém da sua luminosa bagagem poética, feita de pedaços dessa alma leve — tão leve mesmo que as brisas e os ventos do amor levaram para onde bem quiseram, de castelo em castelo, de castelã em castelã, de luar em luar, de crepúsculo em crepúsculo, até a deixarem nesse mundo mágico de ouro, prata, topázios, diamantes — máscaras delicadas de um mundo real montado sobre uma pobreza honrada e bela, a cuja sombra vive feliz, sem complexos nem recalques, sejam étnicos ou de classe, um brasileiro sociologicamente brasileiro, ouvidos abertos para o fado português, para os batuques da África antiga, para a música religiosa ou guerreira dos nossos aborígenes, mas chorando, cantando e amando, como chorou, cantou e amou Camões: numa língua culta, cristalizada, vindo do outro lado do Oceano, no caminho das caravelas, para perfumar-se da flor da baunilha silvestre e ficar muito mais doce com o mel das nossas abelhas. . .